

J. C. C. Keril
1970

CARTA DE APRESENTAÇÃO AOS ESTUDANTES DE ECONÓMICAS

Nos próximos dias 23 e 24 de Abril, realizam-se eleições para os corpos gerentes da Associação de Estudantes do ISCEF. Basta ter um mínimo de percepção daquilo que se tem vindo a desenrolar à nossa volta, para compreender que o momento eleitoral não constitui um acidente isolado dentro do quotidiano estudantil; e de que, conseqüentemente, os estudantes que se propõem gerir esta Associação não devem, sob o perigo de se tornarem parasitários, deixar-se enleiar em luxuosas considerações teóricas mais ou menos desligadas duma prática actual de crítica e transformação. Não podem, portanto, caber nesta carta de apresentação, a que não ousamos chamar programa de candidatura, nem uma análise teórica-crítica global do modo como se tem desenvolvido o processo de luta, nem mesmo propostas de realizações a longo ou médio prazo que nem por poderem ser atractivas do ponto de vista teórico, não deixariam de ser puras especulações de gabinete feitas com base em visões miríficas ou propósitos bem intencionados.

A ser feita uma tal análise crítica, e mais tarde ou mais cedo ela virá a ser feita por nós ou (e) por outrém, ela terá de possuir um mínimo de qualidades que a tornem utilizável, o que quer dizer/^{que terá} de ser perspectivada muito para além do processo de luta em Económicas, em relação a todas as coordenadas políticas, sociais e ideológicas por que se orienta a evolução do modo de produção capitalista e dos movimentos que ele gera no sentido da sua superação, em Portugal, em 1970. O que é uma tarefa de momento impossível para nós, e cremos que para quem quer que seja visto as suas conseqüências estarem ainda muito longe de serem apreciadas ou sequer previsíveis; e sobretudo porque desde o princípio que temos estado, e continuamos a estar, dentro do processo, demasiado dentro, para que de um momento para o outro possamos deitar a cabeça de fora e observar e analisar objectivamente o que se vem desenrolando, e tudo isso devidamente perspectivado, pois só este tipo de análise, repetimos, nos interessa.

Do mesmo modo, nos recusamos a apresentar sugestões concretas para o trabalho a realizar no próximo ano. Para sermos sérios e coerentes, só poderíamos definir uma linha de actuação futura caso tivéssemos em nosso poder um mínimo de elementos que nos permitissem prever toda uma série de condicionalismos para o próximo ano. Ora o que se verifica presentemente é um estado de confusão e de indefinição que só oferece aos estudantes a alternativa de continuar um processo de luta coerentes consigo próprios. Como só nos oferece a alternativa de nos propormos para dois tipos de formas de acção a curto prazo:

1º) - Continuar, como até aqui, a trabalhar junto de todos os estudantes e, em especial, junto dos quadros de curso, no sentido da dinamização e da continuidade do processo de luta em Económicas, o que significa:

- prosseguir no esforço de crítica radical à Universidade e ao quotidiano dos estudantes, ao papel das autoridades, destruindo a imagem mistificada que a instituição dá de si mesma.



- encontrar as formas de acção que na prática permitam realizar essa crítica, organizando a resistência activa dos estudantes contra o funcionamento militar da instituição
- procurar uma resposta para o papel da luta estudantil na luta de classes em Portugal, ou seja, colocar a luta estudantil em termos substancialmente diferentes daqueles em que uma prática reformista e corporativa os coloca.

2º)-Aproveitando as condições específicas dos próximos dias, iniciar uma prática de discussão e crítica, entre todos os estudantes que nisso se mostrem interessados, sobre temas de flagrante importância nesta altura:

- . definição do que deverá ser uma direcção sindical, e suas relações com a massa de estudantes e os quadros dos cursos (um método de trabalho)
- . a participação nos órgãos de gestão universitários
- . a Reforma do Ensino
- . o enquadramento político do trabalho sindical
- . propostas concretas para a continuação do processo a curto prazo

Nesta altura, as eleições revestem-se duma natureza declaradamente política, e é em relação a essa natureza que terás de definir a tua posição - o teu voto. O facto de, através das eleições, um grande número de estudantes dar o seu aval político a uma determinada linha de actuação significaria, além da confirmação da aceitação da parte dos estudantes de um mínimo de pontos fundamentais dessa linha, a conquista de mais uma posição de força perante professores e autoridades políticas.

A LISTA A:

- DIRECÇÃO

António Peres (19 ano)
Armando Casa Nova (29 ano)
Armindo Silva (39 ano)
Eduardo Graça (29 ano)
João D. Carvalho (19 ano)
José M. Félix Ribeiro (59 ano)
José M. Palma-Andrés (39 ano)

- ASSEMBLEIA GERAL

Presidente - Júlio Gonçalves Dias
Vice-Presidente - Eduardo Ferro Rodrigues
1ª Secretária - Maria do Rosário Luís
2ª Secretária - Maria Teresa Silva Sousa

- CONSELHO FISCAL

Presidente - João Ferreira de Sousa
Vogais - Francisco Soares
Joaquim Ramos Silva